

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA  
O QUE QUERO VER  
10 de dezembro de 2020

RITA, SUE AND BOB TOO / 1986  
(*Bob e as Suas Mulheres*)

*Um filme de Alan Clarke*

*Realização:* Alan Clarke / *Argumento:* Andrea Dunbar, a partir de duas peças suas, *The Arbour* e *Rita, Sue and Bob Too* / *Montagem:* Stephen Singleton / *Produção:* Sandy Lieberson e Oscar Lewenstein / *Coprodução:* Patsy Pollock / *Produção Executiva:* Oscar Lewenstein / *Design de Produção:* Len Huntingford / *Direção de Fotografia:* Ivan Strasburg e John Ward (operador da *steadycam*) / *Música:* Michael Kamen / *Som:* Mike McDuffie e Paul Samuelson / *Interpretações:* Siobhan Finneran (Rita), Michelle Holmes (Sue), George Costigan (Bob), Lesley Sharp (Michelle), Willie Ross (Pai de Sue), Patti Nicholls (Mãe de Sue), Kulvinder Ghir (Aslam), Danny O’Dea (Paddy), Nancy Pute (Mavis) / *Casting:* Beverley Keogh / *Direção Artística:* Len Huntingford / *Guarda-roupa:* Cathy Cook / *Cópia:* 35 mm, a cores, falada em inglês com legendas em português / *Duração:* 93 minutos / *Estreia Mundial:* 21 de maio de 1987, Brighton Film Festival / *Estreia Nacional:* 9 de junho de 1989 nas Amoreiras/Alfa, com ante-estreia na Cinemateca Portuguesa em 3 de fevereiro de 1989.

\*\*\*

Autor de uma obra importante, isolada na história do cinema como uma ilha, Alan Clarke é, sem sombra de dúvida, um dos segredos mais bem guardados do realismo britânico, que tem em Mike Leigh e Ken Loach os seus mais conhecidos e premiados representantes. Como Leigh e Loach, Clarke começou na televisão, produzindo filmes de natureza social ou sociológica para canais como a BBC, mas, de modo muito relevante e ao contrário desses celebrados realizadores, as suas incursões na produção para o grande ecrã foram pontuais, tendo concluído a carreira tal como começou, isto é, a realizar para o pequeno ecrã obras – assinale-se: cada vez mais expurgadas – acerca da paisagem social do Reino Unido sob o jugo da “Dama de Ferro”. Totalizou cerca de 60 filmes, sendo que nem uma mão cheia teve como destino as salas de cinema. Os seus filmes mais cinematográficos são aqueles que realizou para a televisão, onde lhe foi dada margem para experimentar os limites da narrativa fílmica e apurar o “sentido posicional” da sua sideral câmara móvel, que aqui está reduzida, sem nervo, a mera ilustração ou desinspirada pontuação fílmica.

**Rita, Sue and Bob Too** estreia-se em 1987, significativamente no ano em que Clarke lança duas médias-metragens poderosíssimas no âmbito da série da BBC *Screenplay*: **Christine**, um dos mais secos e brutais (akermanianos) retratos do consumo de droga na adolescência, uma espécie de resposta com luva branca ao muito mais espalhafatoso – olhar glamoroso sobre uma “filha da droga” – **Christiane F.** (1981), e a adaptação de uma peça de Jim Cartwright, num filme raivoso e desesperado sobre a armadilha da pobreza num bairro em Lancashire. Este “telefilme”, intitulado simplesmente **Road** por ter como elemento comum, entre as diferentes histórias, a estrada que as personagens atravessam consumidas por uma inescapável angústia de classe, culminava num longo monólogo dito – gritado a plenos pulmões! – por uma frágil rapariga que, em lágrimas, sentenciava: “Nada é interessante, tudo foi tornado feio aos nossos olhos. Quero magia e milagres. Quero um Jesus que venha mudar

as coisas de novo e mostre o invisível.” O discurso, que surpreende a própria rapariga pela sua estrondosa eloquência, termina com um grito, libertado por ela, a amiga e os dois *angry men* ali presentes, a fechar o filme em jeito de apelo divino: “Se eu continuar a gritar... talvez, talvez consiga escapar.”

Fechadas no círculo vicioso da pobreza, da droga e da violência (recorde-se **Elephant** [1989], que inspirou decisivamente Gus Van Sant na realização do seu filme-sintoma, com o mesmo título mas que reconstituía o “inexplicável” massacre do liceu de Columbine), as personagens de Clarke ora dão gritos, ora dão o berro e/ou deixam-se levar pela lodosa existência social que, no léxico politizado do realizador, respondeu pelo nome de Thatcherismo. Clarke foi o realizador que gritou mais alto, entre os cineastas da sua geração, contra essa situação socialmente bicuda chamada Thatcher – num documentário transmitido pouco tempo depois do seu desaparecimento precoce em 1990, **Diretor: Alan Clarke**, o compatriota e amigo Stephen Frears punha as coisas em termos claros: “Ele tornou-se o melhor de todos nós.”

**Rita, Sue and Bob Too** deve ser visto como um interregno, um filme “entre parêntesis”, na sua filmografia recheada de momentos intensos, acutilantes do ponto de vista social, político e, muito importante, cinemático. Clarke produz uma caricatura leviana, algo estranha a outros títulos que, num certo círculo do cinema *art house*, o tornaram um dos mais respeitados e influentes cineastas do seu tempo. Títulos como **Scum** (1979) – brutal ficção documental, boicotada pela BBC e depois refeita para o grande ecrã com resultados impressionantes, sobre a violência que grassava nos reformatórios ingleses para adolescentes – e **Made in Britain** (1982) – ficção que apresentou ao mundo um jovem ator chamado Tim Roth dando o corpo e a alma a um *skinhead* em colisão frontal com tudo o que é norma, e os círculos viciosos, que a sociedade inglesa lhe impõe – precisam de ser vistos e entendidos antes de se abordar uma obra como **Rita, Sue and Bob Too**. A verdade é que este filme tem pouco do melhor Clarke ou daquilo que fez a sua assinatura como autor. O melhor Clarke é seco, direto e metucioso. Aliás, muitos dos seus filmes são o que alguns autores chamam “walking films”, obras que tiram máximo partido de uma utilização magistral da *steadycam*, uma câmara colada – e reduzida – ao corpo e ao movimento das suas personagens que vai ao encontro – ela, câmara; ele, corpo – dos recantos da sociedade a que nem sempre queremos aceder. A câmara não comenta, obedecendo à velha fórmula neorrealista resumida por Jacques Rivette na sua famosa carta a Rossellini, segundo a qual “o cinema deve mostrar, não demonstrar” (esta foi uma lição importante para Gus Van Sant no retrato que fez do “elefante na sala” que era, e ainda é, o problema da violência, em particular dos massacres com armas de fogo, nos Estados Unidos). Nas palavras do próprio Clarke, incluídas no citado documentário, “Se vais representar a malevolência, fá-lo da maneira mais gráfica e honesta possível”. Leia-se “gráfica e honesta” como “sem filtros nem preconceitos”.

**Rita, Sue and Bob Too** adapta duas peças muito pessoais de Andrea Dunbar (que não terá adorado este resultado), íntima conhecedora da paisagem social deste filme passado integralmente em Bradford, entre os edifícios degradados do lumpemproletariado, grande parte dele desempregado, sem perspectivas de futuro e, por isso, entregue à bebida e às drogas, e um bairro suburbano de novos ricos onde grassa o tédio e impera uma série de preconceitos xenófobos. Bob usa as “desgraçadas” Rita e Sue, ainda a completar o liceu, para compensar a falta de sexo em casa. As duas, vivendo com famílias disfuncionais nos chamados *sink estates*, ganham umas quantas libras como *babysitters* na vivenda luxuosa onde com dificuldade coabitam Bob e a sua mulher. Clarke vai colecionando uma família de personagens nos dois lados da barricada social do Reino Unido de Thatcher e é implacável com ambos os lados, expondo, por entre a intriga *soap* com generosas doses de lascívia e

alguma escatologia, os podres de uma sociedade vergada a uma aparentemente insuperável baixa moral.

Aqui, não há propriamente um olhar redentor sobre a classe baixa, na figura das duas desengonçadas raparigas que têm um *affair* com Bob, mas Clarke também não as transforma em meras vítimas inocentes – como eventualmente faria um Ken Loach? Rita e Sue vão avançando no xadrez social jogado sem grande racionalidade, ao ponto de, inadvertidamente ou não, invadirem a vida de Bob tornando a dita escapadela num acontecimento produtor de várias “ondas de choque” no seu quotidiano enfadonho de “novo rico”. Bob parece uma personagem de John Waters, regendo-se por impulsos animais dentro de uma lógica “quanto pior, melhor” ou “vamos ver até onde as minhas ações – e estragos advenientes – me levam”. Rita e Sue têm algo de humano e belo que, em última instância, pode servir – servirá? Já lá vou – de elemento redentor aqui: a amizade que as une pese embora todo o tipo de vicissitudes e provações por que passam ao longo desta sátira social que, na verdade, não tira todo o partido do talento de Clarke como um muito vigilante “comentador social” do Thatcherismo.

O *freeze frame* final congela a nossa própria perplexidade face ao chavascal sem ponta de moral que, enfim, toma conta desta história. A promiscuidade sexual, em anos de temeroso avanço da epidemia da sida, é exaltada com des pudor, o que chocou muita gente na altura. Ao mesmo tempo, como escrevia João Bénard da Costa na primeira folha de sala redigida sobre este filme, a propósito da sua ante-estreia na Cinemateca Portuguesa, “aquele ‘paralítico’ final é o mais grosseiro desmentido de que alguma coisa de belo une Rita e Sue”. No mundo feio, muito feio deste filme de Clarke – excelente realizador aqui vencido pelo mau gosto veiculado sem especial arte (espécie de sub-Waters) – pouco sobra de útil à nossa compreensão crítica dos tempos ou, menos ainda, para o nosso mais franco e direto deleite cinematográfico.

Luís Mendonça